

ARTE E VIDA

Gilvan Fogel
UFRJ

1. Vida, no título, começa sendo isso que habitualmente chamamos a vida ou a existência de um homem, de um alguém qualquer. Mais ou menos, o conjunto de hábitos, de satisfações e de dissabores, de procedimentos ou de afazeres, assim como seus respectivos modos próprios de fazer, ou seja, um certo ritmo ou cadência, uma certa entonação própria de cada um no viver, no existir. Assim é, de modo geral.

No entanto, nosso título reza: *Arte e Vida*. E isso significa que a vida mencionada deixa de ser a de um alguém qualquer para ser a de um alguém, sim, mas especificamente a de um alguém que tem sua vida atrelada à arte, nela articulada. A arte passa, então, a ser o modo próprio de ser que dita o ritmo, que pontua a cadência da vida, que lhe dá a referida entonação própria e esta, então, deixa de ser uma vida qualquer ou a de qualquer um, para ser uma bem mais específica, bem mais própria, a saber, uma vida determinada, atravessada pela arte. Uma vida artística! *Arte e Vida* está, portanto, dizendo: a vida, o existir de um, de alguém, segundo, isto é, *de acordo com e a partir de*, a arte. Uma vida, pois, que se faz, que *crece* desde a arte.

Antes de entrarmos no assunto, duas observações, à guisa de esclarecimento prévio. A primeira, é que partimos de um grave pressuposto, qual seja, que todos nós *sabemos* o que é, o que seja a arte. Arte faz parte desse repertório de palavras, de termos e de *coisas* que *todos sabem* o que é! Há até e principalmente um clima de sentimentalismo e de pieguice consensuais, uma certa atmosfera de devoção e de arroubo em torno do nome e da *coisa* arte. É de *bom tom* tomar-se um ar de profundo devotamento ao espírito e de reverência à cultura, quando se ouve falar de arte - diria nosso Machado: todos se fazem "abotoados de circunspeção até o pescoço!" Justamente por tudo isso, não se tem, não se teria o direito de se supor, de se pré-supor o que seja a arte. A verdade é que, se paramos para perguntar, verificamos que nada sabemos disso ou, pelo menos, sem jamais ultrapassar o entendimento comum e os seus *comuns lugares*, isto é, seus tópicos, nos deparamos com uma grandíssima dificuldade para expor clara e distintamente - tal "comme il faut!" - o tema, o problema. Mas, como dissemos, pelo menos inicialmente, vamos carregar esta imperdoável pressuposição - vamos exhibir e passear nossa veleidade, "abotoada de circunspeção até o pescoço!"

A segunda advertência, é que não se pretende traçar o perfil de a vida, que seja segundo a ou determinada *por a* arte ou *por o* modo de ser artista. Querer isso seria querer o impossível e querer o impossível é a definição da presunção. O que se fará é

procurar delinear **um** perfil de **uma** possível vida artística. Claro que este “um” e esta “uma” pretendem ser radicais, essenciais. Mas isso, a saber, a essência, não inclui universalidade sob a forma nivelante da uniformidade. A vida que, diz-se, imita a arte, é pelo menos tão pródiga quanto a arte, de modo que há muitas, muitíssimas vidas possíveis - e, então, necessárias, radicais, essenciais - a partir deste modo de ser, que é a arte, o modo de ser criador ou da criação. E: o que é criação? É isso que, ao pressupormos o que é arte, estaremos também pressupondo, mas...

Feitos estes esclarecimentos prévios, tomemos o rumo de definição desse **um** perfil possível. E, para tal, vamos seguir uma rota, melhor, tentar esclarecer e compreender um ou dois pontos definidos de um percurso, de um caminho, que é o apontado por Rainer Maria Rilke, em cartas dirigidas a Franz Xaver Kappus. Estas cartas, ao todo dez, espaçadas entre fevereiro de 1903 e dezembro de 1908, foram publicadas em Berlim, em 1929, três anos após a morte de Rilke, pelo próprio Kappus, sob o título *Cartas a um jovem poeta - Briefe an einen jungen Dichter*

II. Em suma, as cartas de Rilke a Kappus indicam que arte é, precisa ser *coisa de necessidade e de solidão*. Portanto, elas indicam que necessidade e solidão constituem a medida, o *critério* de definição, de determinação da arte e, então, a *medida*, segundo a qual a vida do artista precisa se modelar, se cunhar. Necessidade e solidão são a forja, melhor, a bigorna, onde precisa ser malhado e modelado o ferro-vida - o ferro da vida que quer, que *precisa* se fazer desde a arte. É isso que vamos, brevemente, procurar expor e compreender.

Inicialmente, ouçamos o que Rilke, logo na primeira carta, diz a propósito de necessidade. O contexto é o seguinte: o jovem Kappus enviara alguns poemas a Rilke, perguntando se tais poemas “eram bons”. Rilke lhe responde: “Você está olhando para fora e isso, sobretudo isso - olhar para fora -, você não deve fazer. Ninguém pode aconselhar-te ou ajudar-te - ninguém! Há somente um caminho: entrar em si. Busque o fundo, a razão, que te leva a escrever; experimente se esta razão lança suas raízes no lugar mais profundo do teu coração. Admita, confesse a você mesmo se você morreria se te fosse vedado escrever. Sobretudo isso: na hora mais silenciosa da tua vida, pergunte a ti mesmo: ‘eu *preciso* escrever’? Cave em ti uma resposta profunda. E se esta resposta for afirmativa, se você pode responder a uma tão grave pergunta com um simples e incisivo ‘eu *preciso*’ - então, construa tua vida segundo essa necessidade. Tua vida precisa tornar-se um sinal e um testemunho dessa imposição, mesmo em tuas horas menores, mais insignificantes e indiferentes... Uma obra de arte é boa se ela nasce desde necessidade. Nesse modo de ser

de sua origem reside seu juízo, sua avaliação: não há nenhum outro(a). ... Basta sentir que se poderia viver sem escrever, para não se ter sequer o direito de escrever”¹.

O texto é claro, simples, cristalino e, por isso, ele fala por si mesmo. Mas ainda assim e até justamente por isso, vamos explicitar isso que ele, por si mesmo, fala.

A primeira coisa a termos em mente, é que se trata de poesia, da palavra, do dizer - do dizer *no e a partir do* escrever. Escrever, aqui, é o dizer. Escrever, pois, é preciso! Daí o que deve, o que precisa fazer-se lei: “Basta sentir que você *pode* viver sem escrever, para você *não ter sequer o direito de escrever*”. A necessidade precisa brotar, nascer *desde dentro*. E, por isso ainda, é que perguntar a outro, a quem quer que seja, se o escrito é bom, é “olhar para fora”. “Para fora”, quer dizer, não olhar, não ver e não medir desde dentro, desde o dentro e o próprio da necessidade daquilo que se impõe, que *precisa* se impor. E, para tanto, só há um caminho: *entrar em si*, aí cavar a necessidade e, então, *c o n s t r u í r* sua vida segundo esta irrevogável necessidade.

O que é *entrar e como* entrar em si? O que é *si*? Entrando em si, em *quê, onde* se entra? Este modo de perguntar é bom, isto é, ele vai realmente ao encontro do que precisa ser questionado? Para marcar “si”, o texto fala de “o lugar mais profundo do teu coração” e também “a hora mais silenciosa da tua noite”. O fato é que precisamos determinar este “si”, para que também se esclareça como nele reside a necessidade, segundo a qual a vida deve, precisa ser construída.

Em primeiro lugar, é preciso não pensar, não imaginar este “si” como uma coisa, um algo, quer dizer, como um lugar, um recinto, no qual se entra e no qual podemos nos instalar, tal como entramos e nos instalamos, p. ex., na sala de espera do dentista... Este “si”, que evoca, sim, um dentro, no sentido de radical ou essencial, não deve igualmente ser identificado com um algo interior, íntimo, melhor, intimista. Assim sendo, deve ser excluído como caminho, como via de acesso a este “si” a introspeção subjetiva, a interiorização, que procura atingir um possível eu monádico, *em si*, solipsista. Portanto, é preciso recusar o caminho da intimização, que visa um dentro fechado, enclausurado e encasulado. Isso cheira a ambiente abafado, sufocante, irrespirável...e falso!

Esse “entrar em si” é buscando cavar uma “profunda resposta” à pergunta: *preciso* o escrever? Isto é, posso viver *s e m* escrever? E a resposta que virá - ou não! - é: “Sim, *preciso* escrever! Não, não *posso* viver sem escrever!” Viver e escrever precisam ser uma única e mesma *coisa*. Entrando em si, o que se mostra, o que se revela intransferível é a necessidade de escrever, ou seja, de fato o que se revela é *o escrever*, como sendo algo da ordem do intransferível - incontornável necessidade. Portanto, *o si é o próprio escrever* - melhor, a imposição da *tarefa* de escrever. Estranhamente, pois, o “si” *já* é o próprio

¹ Cf. Rilke, R.M. Cartas a um jovem poeta, primeira carta.

escrever... Estanho, porque então *já sou o que preciso ser ou tornar-me*, o que preciso fazer vir a ser, até porque, caso contrário, não poderia vir a ser ...!

Sim, estranhíssimo: escrever, no caso, é o que eu preciso *já ser*, para poder vir a ser, para poder *precisar* vir a escrever...! A necessidade é o impor-se do que é, do que *já é* e não pode não ser. Este “si” não é, pois, uma coisa, um algo constituído, dado, mas um modo de ser, que se revela uma possibilidade, na qual sempre já estou ou na qual sempre já me encontro, mas que, paradoxalmente, precisa ser conquistada, enquanto e como a realização de uma tarefa, qual seja, o próprio escrever - a ação, o *verbo* escrever. Ou seja, este “si” é conquistado à medida que é exercitado, à medida que é feito - melhor, que *s e faz*. Faz-se a si mesmo a partir de si mesmo - portanto, movimento que se move a si próprio a partir de si próprio, isto é, *v i d a*. E isso acontece à medida que, rendendo-se à sua necessidade, se escreve. O “se” diz que na ação de escrever, este, revertendo-se sobre quem escreve, faz com que *q u e m* escreve (faz), ao escrever e graças ao escrever (fazer), é igualmente escrito (feito) pelo próprio escrever (fazer). O “si” que, portanto, é o próprio escrever, mostra-se ser uma dimensão de vida, um modo de ser (possibilidade) que, em sua textura mais própria, precisa *s e fazer* - a partir de si próprio, precisa fazer vir a ser *s i* próprio. Assim se cumpre *estória* - isto é, *devir*, vida.

O “si” é, pois, este modo próprio de ser, que já é ou no qual é preciso que já se esteja, e que o viver revela-se como sendo e precisando ser a *a p r o p r i a ç ã o* desse próprio. Portanto, um *apropriar-se de si*, uma *auto-apropriação* - de novo, é isso a vida, o viver, como cumprir-se de estória. Apropriação, auto-apropriação, está dizendo, reclamando o entrar em si.

Apropriar-se do próprio ser, apropriar-se do que já é. Assim, no caso, viver é conjugar escrever, que se mostra ser o *verbo* de vida e, por essa via, cumpre-se o imperativo vital: vem a ser o que tu és - o que *sempre já és*! E isso em sendo estória, isto é, destino, melhor, destinação. Destino não é fatalidade, não é fatalismo, mas envio, re-envio, estória - por isso, *destinação*. Para marcar que destino não é fatalismo, Rilke diz: “Pouco a pouco se aprenderá que isso, que chamamos destino, irrompe desde dentro do homem e não que nele entre vindo de fora”². “De fora” é fatalismo. *Desde dentro*, quer dizer, como conquista, auto-conquista ou auto-apropriação, à medida que se faz envio, reenvio ou estória de necessidade, de *próprio* (“si”). E, na necessidade, a liberdade, à medida que, nessa estória ou dinâmica de envio e de reenvio do próprio cumpre-se a liberação de uma identidade (do próprio *próprio*!). Assim, como conquista e realização de necessidade, liberdade se faz sob a lei, isto é, sob a necessidade. Livre sob a lei - isso é liberdade nobre, aristocrática. E isso, principalmente isso, é ser só. Então, trata-se de destino de solidão. Mas esperemos, quanto a isso.

² Cf. Rilke, op. Cit. Oitava carta.

Seguindo Rilke, pode-se, deve-se dizer: fazer-se, enviar-se de *coração*. Também coração, dizendo o *lugar* dos sentimentos, das emoções, evoca o mais dentro, o mais intenso ou mais próprio. Pura e simplesmente o próprio, à medida que, sendo o mais intenso ou aquilo que mais agudamente é sentido e, por isso e assim, *visto* como o intransferível, uma vez que, sendo o *mais* intenso sentimento, faz-se o próprio *sentido* da vida, da existência. Coração - cadência, ritmo, pulso do e no viver, do e no existir. Sentido, isto é, norte, direção, orientação, gênese - a força geradora e promotora de vida, de estória. No nosso contexto, o coração, o sentido como força geradora é o escrever, *precisa* ser o escrever. O escrever, a possibilidade respectivamente a necessidade que é o escrever - *isso* é coração.

Rilke, na carta, diz: cave, escave, *experimente* se esta necessidade lança suas raízes no mais profundo do teu coração, ou seja, *experimente* se esta necessidade *cresce* desde e como o próprio destino de tua vida, a própria dinâmica de envio e de reenvio de tua estória, do teu vir-a-ser. *Experimente*, isto é, deixe-se tocar e tomar (sinta!), para que se evidencie, se faça visível (ou não!) que tal necessidade, tal destino (o de escrever) é verdadeiro, quer dizer, *autêntica apropriação*. A experiência é a própria evidência - e isso é verdade. Coração, sentimento, é o mais abissal, o qual, porém, se faz princípio, fundamento. “Afunde nesse abismo, nesse sem-fundo”, diz, convida Rilke. Note-se que um *sentimento*, um *coração*, dizendo uma dimensão ou uma possibilidade (modo de ser) de vida (p. ex. o escrever!), não é nada subjetivo, intimista, mas da ordem de *transcendência*, quer dizer, ‘algo’ que *sobrevem* ao homem e se lhe impõe como necessidade, isto é, destino, estória.

Se tal necessidade, tal destino, é verdadeira (o), isto é, *autêntica apropriação* - então, “*c o n s t r u a* tua vida segundo esta necessidade”. E mais: “Tua vida precisa tornar-se um sinal e um testemunho dessa imposição, mesmo em tuas horas menores, mais indiferentes e insignificantes”.

Que vida se construa segundo esta necessidade, significa que ela passa a ser determinada, quer dizer, no âmbito de sua delimitação, que é também sua plenitude, ela será toda atravessada, perpassada e assim performada por todo este destino, por todo este intransferível sentido (orientação, gênese) e isso mesmo quando se parece ou efetivamente se está mais distraído, mais descuidado e apático (mais “indiferente”), mesmo nas horas “menores”, isto é, aquelas que se mostram pequenas, insignificantes, *bobas*. Mesmo aí e mesmo assim necessidade estará *se* urdindo, fiando e desfiando, tecendo e destecendo vida, pois que a vida seja construída segundo esta necessidade significa, enfim, que *tudo*, tanto o maior, quanto o menor; tanto o mais elevado, quanto o mais ínfimo; tanto o mais nobre, quanto o mais reles; tanto o mais sublime cultivado do espírito, quanto o franciscano lavar roupa ou o prosaico e repugnante desentupir a fossa - enfim, *t u d o* é juntado,

reunido, compactado nesse *um* (a necessidade, o destino, o coração), *tudo* é forjado, martelado e modelado na mesma forja, na mesma bigorna, chamada *eu preciso* - sim, é preciso, impõe-se. Só isso pode, só isso precisa ser. Aí, sobretudo aí e assim, a liberdade sob a lei, sob a necessidade.

E esse *um*, que tudo reúne, conforma e compacta, veremos logo adiante, é o um do só - da solidão, da *solidão*. *Solidão*, uma velha palavra, que deve dizer isso, essa experiência: o enorme, o imenso de ser só, melhor, de só ser! E, assim, sendo só ou só sendo, ser inteiro, completo, pleno, íntegro e suficiente. É isso que fala a palavra alemã para só: "ein-sam", "all-ein".

III. Para saber, para ver se a arte, se a obra de arte é boa, só há um caminho: entrar em si e, assim, afundar no sem fundo (abismo) da necessidade da obra - da necessidade da obra na *minha* vida. Bom é o necessário - o que é preciso. Isso é um *ethos* e uma *ética*. Render-se, submeter-se a isso. Mas pergunta-se, ainda: e *como* isso? Qual realmente o caminho? O caminho que leva a este acontecimento, que realiza a conquista dessa necessidade de minha vida é a *solidão*. Evocando esta solidão, inicialmente, foi falado de "a hora mais silenciosa da tua noite". É como se dissesse: no mais fundo, no mais profundo da tua solidão. "*Tua solidão*" é quando coincide a noite, isto é, o escuro que marca o tempo em que o sol está abaixo da linha do horizonte, com uma espécie de anoitamento ou entenebrecimento da vida, do existir - do meu próprio ser. Noite, porque escuro, é hora, é tempo de recolhimento, de concentração. As distâncias e o 'em volta' como que se contraem, se compactam e, como distância e 'em volta', tendem a se desfazer. É quando tudo, na verdade, se reúne, se concentra, se intensifica. Tudo se turbilhona, se convulsiona, mas também tudo se aplaca, serena. Noite: "Ó domadora hipnótica das coisas que se agitam muito!"³. O possessivo "tua" ("*tua* noite") dá um reforço. Reforço, à medida que individualiza, singulariza e, assim (ênfático na posse, que a noite tem sobre ele - é ela que o tem e não ele a tem!), torna o acontecimento intransferível, irremediável, incompartilhável.

Mas ouçamos, primeiro, algumas linhas que Rilke escreve a Kappus: "Só há *um* a solidão. E esta é grande e não é fácil de suportar... Uma só coisa é necessária: solidão, grande solidão *interior*. Ir, entrar em si e, durante horas e horas, não encontrar ninguém. Isso é preciso ser alcançado. Ser só, tal como se era só quando criança, quando os adultos iam e vinham, mergulhados em coisas que pareciam importantes e grandes, porque os adultos pareciam tão ocupados e porque nada se compreendia de seus fazeres"⁴. ... Falando novamente de solidão, torna-se sempre mais claro que isso, no fundo, nada é que se possa

³ Cf. Pessoa, F., *Obra Poética*, Poemas de Álvaro de Campos, Dois excertos de odes, Aguilar Edit. Rio, 1974, p. 311.

⁴ Cf. Rilke, R.M., *op. Cit.*, sexta carta.

escolher ou deixar de lado. Nós *s o m o s* só. Podemos nos enganar sobre isso e fazer como se assim não fosse...⁵

IV. “Uma só coisa é necessária...” Parece que estamos ouvindo Jesus falando a Marta: “Marta, Marta, tu te agitas muito, ... mas uma só coisa é necessária”⁶. E que coisa seria essa?! Vem a resposta: solidão, uma grande solidão! E o que é solidão? Precisa-se ainda perguntar isso? No entanto, insistamos. Perguntemos não só o que, mas também *como* - isto é, *como* solidão? A carta de Rilke diz: “Entrar em si e, durante horas e horas, não encontrar ninguém a sua volta”. “Si”, já vimos, em última e primeiríssima instância é o próprio escrever - a necessidade, o destino escrever e não alguma ‘cápsula’ ou algum reduto *interno, interior*. “Entrar em si” é, cada vez mais, ser tocado e tomado por esta necessidade, por este destino, que é o escrever, “e, por horas e horas, não encontrar ninguém ao redor”.

Faz-se um imperativo de distanciar-se, sim, *isolar-se* - abrir distância, para ficar mais só consigo mesmo, quer dizer, *com seu próprio destino ou estória*. Impor distância a si, aos outros e às próprias coisas. Ser duro, imparcial, intransigente, tirano com isso, com esta atitude ou propósito - duro, tirano, consigo mesmo, pois o “si”, a tarefa, o destino, poderá, de algum modo, estar conspirando contra si, antes, contra esta atitude que leva ao “si”, ao próprio, e o intensifica. E isso - a *sedução, a conspiração* - porque é mais fácil distrair-se, diluir-se, afastar-se de si, afastando o *cálice* do esforço, do trabalho, em favor do não fazer e não empenhar-se...

Nessa distância criada, cavada, afundar no mais silencioso da própria noite, que é justo onde e quando a distância e o afastamento se concentram, se intensificam. Isto é, faz-se *mais um, mais* necessidade, *mais* destino. Não encontrar, não ver, não ouvir, em volta, nada e ninguém. Uma grande distância, um grande ermo. Abrir em torno um deserto - vida de deserto. De ermo. De eremita. E, nessa distância, nesse ermo, revela-se cada vez mais só, cada vez mais consigo só, cada vez mais *u m* só, quer dizer, revela-se cada vez mais que só eu posso, preciso ser, viver, *fazer* este destino, que é o meu; esta necessidade, que é a minha. Construir sua casa nesse pico, nesse cume, isto é, fazer desse pico, desse cume *s e u, m e u* lugar - o lugar.

Vivo no cimo dum outeiro
 Numa casa caiada e sozinha
 E essa é a minha definição.⁷

⁵ Cf. Rilke, R.M., op. Cit., oitava carta.

⁶ Lc. 10, 41

⁷ Cf. Pessoa, F., op. Cit., Poemas completos de Alberto Caeiro, O Guardador de Rebanhos, nr. XXX, pág. 220

Como isso? Como 'construir' essa casa, como habitar esse lar?! Como *ser* isso? Cumprindo, *fazendo*, pois, este destino, esta necessidade é uma ocupação, uma *tarefa* ou uma estória por cumprir-se. Solidão, portanto, mais uma vez, revela-se não ser um encapsulamento paralítico, uma interiorização solipsista e inerte, mas, ao contrário, trata-se de um fazer, de um agir - melhor, trata-se da solidão *do* e *no* fazer necessário.

Nesse abrir distância entre pessoas e coisas e recolher-se cada vez mais em si, isto é, na tarefa própria, mostra-se que a solidão, que é fazer, é também des-fazer - não-fazer. É preciso escolher, *poder* escolher ou decidir o *quê não fazer*, a saber, não fazer o supérfluo, melhor, não fazer o acidental, o 'contingente', aquilo que, na apatia e na indiferença, tanto pode ser feito quanto não. Portanto, *decidir* não fazer o não-necessário, o que dispersa, distrai, desvia - da necessidade, da estória, do destino, da identidade. Assim desviado, estar-se-ia jogado na servidão, na subserviência, e é preciso impor-se ser livre, impor-se conquistar a liberdade como liberação do próprio, desde e como o fazer necessário. Por que? Para que? Por nada e para nada, em razão de nada e visando nada além disso mesmo, pois em razão de nada fora dela própria e para nada fora dela própria é a vida. Arte, assim, é *absoluta* congruência, coincidência com a vida...

Insistimos no fato que este *entrar em si* não é interiorizar-se, não é recolhimento introspectivo, no sentido do subjetivismo intimista ou do intimismo subjetivista. E, no entanto, o texto diz, reclama "grande solidão *interior*"! Talvez "grande solidão *interna, adentro*" - "grosse *innere* Einsamkeit". É preciso que se faça, aqui, uma observação, que pode cheirar a coisa impertinente e pernóstica, mas aí vai!

A palavra alemã é "inner" ("*innere* Einsamkeit") e não "innerlich". "Innerlich" é interior, íntimo, dentro, no sentido da interiorização subjetiva, *anímica, espiritual* e isso no contexto evidente da separação e oposição entre corpo (o exterior!) e alma, espírito (o interno ou interior!). "Inner" diz, sim, interno, dentro, melhor, adentro, mas não no sentido da interiorização subjetiva (*espiritual, anímica!*), e sim dentro ou adentro no sentido de *em direção ao que* é intrínseco, ou seja, o mais constitutivo ou próprio, mais miolo, mais âmago, mais cerne, p. ex., da pedra, da madeira. Pedra, ma deira, não podem ser "innerlich" (anímico, espiritual, subjetivo), mas só "inner" e é este "inner" que é reclamado por Rilke, na sua carta - "grosse *innere* Einsamkeit". Então, entrar, *adentrar* isso, *nisso* que, em se tratando do homem, é sempre *destino, estória, necessidade própria*. Para nós, aqui, esse "inner" se evidencia como sendo o próprio escrever, a força desde a qual deve, precisa irromper um homem na sua identidade, no seu mais próprio, no seu *miolo* ou *cerne* - a sua

têmpera e o seu tempero! - e que perfaz também a sua liberdade. Este entrar em si é realmente *apropriar-se, auto-apropriar-se* - vir a ser o que é.

No entanto, é preciso que se diga, essas *imagens* todas (*intrínseco* e próprio como *dentro, miolo, cerne*) não são oportunas e sempre induzem a erro, a falsificação da *coisa* em questão, pois a verdade é que esta força, este próprio ou intrínseco do, no homem é, precisa ser todo *periferia, todo superfície - pele*. Lembremos que, muito precisamente, Rilke advertiu que, “mesmo nas horas menores, mais indiferentes e insignificantes, tua vida precisa tornar-se um sinal e um testemunho dessa imposição”, quer dizer, da imposição ou da necessidade desse um, desse destino, que chamamos o próprio, o *miolo, o cerne*. Isso precisa mostrar-se, realizar-se, *superficializar-se* em cada ato, em cada gesto, no mais banal e trivial do ou no viver - ou então será nada, coisa nenhuma, força ou *valor* nenhum. Portanto, esse *dentro*, esse mais próprio precisa ser todo superfície, todo periferia, todo pele - ou será nada, *coisa* nenhuma!

Mas, retomando nosso tema, entendida como entrar e afundar no “si”, no próprio da ação necessária, *solidão* é entrar na dor, afundar na própria dor. E aí, por essa via, mais uma vez, *crece*, quer dizer, *intensifica-se* *solidão*, uma vez que dor *separa, isola, abre distância* - enfim, dor singulariza ou *ensozinha*. A grande dor, a dor essencial, vital, é de ordem nobre, aristocrática. Ela é a força, a grande força geradora de *solidão*. Mas *solidão*, por outro lado e por sua vez, evidencia mais a dor, que é - ela faz crescer, intensificar-se esta dor, que é. Dor, *que é?* E que dor é essa?! E qual dor não é?! A “dor, *que é*” é a dor irreversível, intransferível ou intransponível de ser só - a dor de *ser solidão*. “Há uma só *solidão* e esta é grande e difícil de suportar ... Nós *s o m o s* só”. E isso, a saber, a *solidão-dor* ou a *dor-solidão* que se é, não é nada que se possa escolher ou deixar de lado, nada que se possa querer ou não querer. Este ‘arbitrio’ é o que não tem lugar, é, seria puro capricho, quando em questão está a imposição, que é a transcendência - a transcendência da vida.

Mas continua estranha a formulação “a dor, que é” e a *solidão* que lhe é própria. Em questão está a dor, que é a constitutiva *incompletude* ou *imperfeição* do homem. Trata-se de uma constitutiva, quer dizer, necessária e então essencial, falta, privação - talvez, melhor, *indigência*. O homem é o único ente que não é completo, *satisfeito*, quer dizer, pronto e acabado. Isso, a saber, pronto e acabado, é a pedra, a alface, o cachorro. Mesmo nas suas respectivas ‘evoluções’, mutações ou transformações físicas (inorgânicas) ou físico-orgânicas, fisiológicas, eles (o mineral, o vegetal e o animal) estão cumprindo um rígrado, isto é, pré-visto ou antecipado, repertório de passos, de etapas (também o homem tem ou é tais etapas físico-orgânicas), que são os passos, as etapas das transformações bio-fisio-lógicas, bio- ou físico-químicas. Não se trata, porém, como no homem, do *precisar realizar um poder-ser a partir da liberdade* e, então, da liberação de uma identidade, desde e

como *estória* (devir), *auto-realização*. O homem precisa fazer vir a ser uma possibilidade, um poder-ser, que para ele se anuncia ou se pro-põe como irrevogável. Esse 'assim precisar ser' e 'assim precisar se fazer' constitui, por um lado, a dor do esforço ("Vais comer o pão com o suor da tua frente!", isto é, vais *curar-te* de ti a partir de ti - i.é, *vais viver!*) e, por outro lado, a dor, que é a solidão da intransferibilidade desse ser e desse fazer, uma vez que *só eu* - entenda-se, cada um ou cada qual, *posso e preciso* fazer vir a ser este poder-ser que sou, que cada qual é. Sim, sou, somos, cada qual é só, irrevogável e intransferivelmente só. E somente isso é realmente solidão (e não a introspeção intimista, narcísica) e isso é preciso, pois nisso se está, isso se é, desde nenhum lugar ou em razão de nada, de *coisa* ou *causa* nenhuma. Isso, a saber, este modo de ser ímpar, é o nosso *medium*, o nosso *elemento* e, enquanto 'medium' ou elemento, é *transcendência*, quer dizer, não podemos decidir ou escolher sobre isso ou pura e simplesmente *isso*. Sobre *isso* não se tem arbítrio, *isso* não se pode querer ou não querer. Esse capricho, essa veleidade, não nos cabe!

Cabe, sim, tão-só entrar, afundar nisso, ser *isso* - aquiescer. Tomar sobre si esta necessidade e cumpri-la, porque no seu cumprimento acontece uma grande alegria, a alegria da realização da ação necessária, que é aquela da qual brota, cresce liberdade como conquista de próprio, de identidade. É essa *uma* solidão, que é *grande*, isto é, radical, essencial, necessária (é isso que está dizendo "grande") e que não é fácil de suportar (de carregar, atravessar!), pois ela é, precisa ser esforço, empenho, trabalho, conquista - de próprio, de identidade, de liberdade.

Por ser esforço, empenho, que precisa a cada passo se fazer e se re-fazer, se conquistar e se re-conquistar - por isso, não é fácil de suportar, agüentar, então, de acolher e de cumprir. Podemos até nos enganar a respeito da necessidade e da radicalidade de tal solidão e proceder como se assim não fosse, pois tal engano é conveniente... Na verdade, é um desvio, uma esquiva, uma espécie de conspiração da vida contra a própria vida (o *demônio*, o "espírito que sempre diz *não*"), à medida que isso alivia o fardo, *afasta o cálice*... Há muitas maneiras de se evitar, de se esquivar e de se conspirar contra si, p. ex., até imaginar, falsificar um "eu" ou uma consciência autônoma, dotada de livre arbítrio, então, do poder de escolher e de decidir, onde e quando não cabe nem decisão e nem escolha...

V. Arte e Vida - este é o nosso título, nosso tema. E, vimos, em questão está a vida que seja determinada, quer dizer, *atravessada de* ou *por* arte. Então, uma vida per-feita de arte, ou seja, *toda ela a todo seu longo* é toda feita de, por arte. A obra de arte, por extensão a arte, tem por único critério ou medida a solidão e a necessidade. Em se fazendo desde e como necessidade e solidão, o que é que na verdade se faz, ao fazer -se arte, obra de arte? Em outros termos: O que é realmente arte?

No nosso ponto de partida, foi esse o nosso pressuposto, ainda que lá mesmo tenhamos afirmado ser a arte o modo de ser criador ou da criação. Pressupondo o que seja a arte, ao mesmo tempo, porém, afirmamos ser esta criação.

Pois bem, criar é o movimento *espontâneo* de alteração ou de diferenciação, portanto, de transformação da vida em seu devir ou em sua estória. Vida é criação, isto é, vida é este movimento espontâneo, então, desde nada, em razão de nada ou graças a nada, que marca, que pontua um vir-a-ser ou devir, o qual, por sua vez, em sendo transformação, se mostra constitutivamente como alteração, diferenciação. Em si, desde si alterar-se, isto é, vir a ser outro, isto é, *auto-superar-se*. A arte, encarnada no artista, entra nisso - isso é seu "si", seu *próprio*. Ela repete, quer dizer, re-toma isso. Assim, ela refaz este movimento e, à medida que o re-faz, ela o cofaz e, desse modo, o perfaz. Arte, obedecendo esta dinâmica ou esta estruturação, é promoção e celebração desse acontecimento gratuito, dessa pura espontaneidade.

A esse movimento de auto-superação da vida, podemos também denominar *gênese* - nascimento, nascividade. Então, arte é o *ver*, isto é, o participar e assim o celebrar dessa gênese. A arte, concretizada no artista e na obra de arte e só no artista e só na obra de arte, pois *aí* e só *aí* ou nessa instância ela pode aparecer e ser - então, assim, a arte *vê*, celebra este acontecimento, em repetindo-o, ou seja, em retomando-o e assim cofazendo-o e perfazendo-o em participação vital ou experiência. A arte, a seu modo, quer dizer, segundo cada modo possível de arte e segundo *cada* obra, se mostra, tal como o pensamento, ser gênese de gênese. A arte é um modo possível de pensar, quer dizer, de pôr-se comedidamente *à altura*, i. é, na dimensão própria das próprias coisas, de cada coisa.

Platão denominou a arte, a poética, *geração*, que se faz como procriação⁸. Procriar é, pois, o nome da dinâmica de auto-superação ou do jogo alteração-diferenciação, próprio da vida. Assim, como procriação, dá-se uma insistência na e da geração. À medida que se faz o jogo de repetição ou de retomada de gênese, isto é, à medida que se faz geração, há uma *tendência à perpetuação* do devir do real no movimento de sua (auto)realização. E isso, ainda segundo Platão, é *algo* ou um acontecimento *imortal* na vida, na existência de um mortal, a saber, o homem e só o homem, e que traz para o horizonte da vida e da mortalidade a própria *imortalidade*, uma espécie de eternidade no e do próprio tempo, uma *sempiternidade*, que é justo esta insistência na geração, como geração ("aeigenés") - procriação.

Pois bem, este movimento que a arte retoma - gênese ou o movimento-vida - , foi dito, é espontâneo. E espontâneo, vimos também, está dizendo gratuito, desde nada, por causa de nada ou graças a nada. Enfim, de graça, à toa! E isso define a natureza, a

⁸ Cf. Platão, Banquete, 206 -c,d,e.

essência da arte: ela é de graça, à toa, inútil! Sem porquê, sem para quê. Ou seja, não há nada *fora* da arte - *fora* do destino de cumprimento e de promoção de gênese, de procriação - que justifique a arte, que seja seu sentido ou propósito. A arte, assim como a vida, é por nada e para nada, entenda-se, nada *fora*, além ou aquém da própria vida. Na verdade, a arte é tão-só a alegria de participação da vida nela mesma ou com ela própria. No homem e só no homem, desde que nele se faz, se *dá* a necessidade do ver, a vida, no ver, graças ao ver-participar, como que coincide com ela própria. Esse lugar privilegiado, essa hora maior, esse ponto de interseção ou ainda este *um* integrador - a uma só solidão! - é a arte.

Por tudo isso, por sua radical textura de inutilidade e de gratuidade - ou seja, a pura espontaneidade que nos sobrevem ou nos acomete! - por isso, nós nada podemos fazer com a arte (*aplicá-la*, para melhorar o homem, a vida, a sociedade - ela não é nenhum fator ou elemento de integração ou de *inclusão* social, p.ex.!), mas ela, ao contrário, pode fazer tudo conosco. E de fato *faz*. Ela nos transforma, nos transfigura, à medida que ela nos transpõe para a própria vida e aí e assim nos envia, nos destina - para nada, por nada!! Isso acontece, porém, à medida e *s o m e n t e* à medida que se faz arte, quer dizer, se se cumpre ou se se realiza a obra de arte que se impõe. Ela tudo faz conosco - i. é, nos transpõe, transforma e performa na e como transfiguração - se deixamos, se somos capazes de deixar que ela *se aproprie* de nós e faça de nós seu lugar de aparição - ou seja, de concretização, de realização. Ela faz tudo de nós se, desde dentro, desde sua própria textura ou constituição (essência), permitimos que ela *nos use*. *Ela precisa nos usar*. Precisamos poder fazemo-nos usáveis e usados por isso ou aquilo que é pura e mera dinâmica de aparecer ou expor-se. *Isso* ou *aquilo* que, inocentemente, inutilmente *usa* para ser, para vir a ser - *aparecer!* Mas nós não podemos usá-la para nada. Qualquer destinação que lhe dermos, qualquer sentido, propósito ou finalidade que lhe acrescentarmos, será estranho a ela própria, estranho à sua textura ou modo próprio de ser, portanto, será falsificação, desvio, desvirtuamento, degeneração. O artista é, sim, um *nascido* “para administrar o à toa

o em vão

o inútil”⁹

E: só isso é preciso. Só isso é digno, pois só isso leva o que é, - eleva ao que é: a vida. E isso é, sim, um imperativo, um ditame de solidão. Da solidão, que se é. Imposição, ditame de solidão e de necessidade. A necessidade que é a solidão, a *solidão* humana. Por nada, para nada. Inútil. À toa. Amém!

⁹ Cf. Barros, M., Livro Sobre Nada, Record, Rio -S.Paulo, 2002, p. 51

Petrópolis, 01 de janeiro de 2004